



## AS CONTRIBUIÇÕES DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Camile Martins Studart<sup>1</sup>  
Ivna de Fátima Melo Ramalho<sup>2</sup>  
Susana Vasconcelos Acioli Lins Rocha<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo levantar questões acerca da importância dos pais no processo de aprendizagem de seus filhos, as dificuldades que perpassam a relação família-escola e a concepção dos alunos em face desse envolvimento. A família e a escola dividem algumas responsabilidades, no que tange à formação de crianças e adolescentes para uma vivência em sociedade. Para a escola alcançar resultados mais efetivos de seus alunos é necessário o apoio da família, ao compartilharem vivências e manterem constante diálogo. O trabalho fundamentou-se nos pesquisadores e estudiosos Erik Erikson, Marinho e Araújo, Ana Mercês Bock, assim como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Utilizamos como método uma pesquisa bibliográfica nas seguintes plataformas: Scielo, Portal Capes e Google Acadêmico. A partir do que foi estudado, é válido ressaltar que é significativa a presença da família no processo de ensino-aprendizagem, visto que ela é auxílio para o desenvolvimento cognitivo e relacional dos sujeitos. Ademais, percebemos que há um processo de culpabilização entre os pais e a escola, ao invés de ambas as partes tomarem suas responsabilidades. A percepção dos filhos dessa relação é perpassada por inseguranças, pois esse contato costuma ocorrer quando existe algo errado. Por isso, é importante a inclusão dos pais nas propostas pedagógicas da escola, além do empenho em conhecer bem a estrutura familiar, facilitando na compreensão do aluno e envolvendo esses pais em uma comunicação clara, simples e compreensível.

**Palavras-chave:** Educação, Família, Escola, Relação, Desenvolvimento Humano.

### INTRODUÇÃO

Houve um aumento da necessidade de falar acerca das relações estabelecidas entre família e escola, tendo em vista que o desenvolvimento infanto-juvenil atualmente é alvo de inúmeras pesquisas e estudos por parte de educadores e psicólogos, buscando compreender a importância da família no desenvolvimento emocional, psíquico e cognitivo da criança, bem como a influência que a escola possui nesse processo. Por isso, também se faz importante saber como essas duas instituições constroem formas de se relacionar e manterem-se unidas na educação de suas crianças e adolescentes.

Com efeito, compreender fatores envolvidos no desenvolvimento humano contribui no entendimento dos processos educacionais de crianças e adolescentes durante o percurso

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, camilestudart@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, ivnamello321@gmail.com;

<sup>3</sup> Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, susanalins@unifor.br;



escolar. Sendo assim, falar em desenvolvimento humano é indicar que somos seres em constante crescimento, frutos de um “(...) processo contínuo e ininterrupto em que os aspectos biológicos, físicos, sociais e culturais se interconectam, se influenciam reciprocamente (...)” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018, p.120). É nesse processo de desenvolvimento que a escola e a família possuem grande relevância por serem instituições que favorecem condições para que essas evoluções sejam vivenciadas de maneira segura e favorável, auxiliando na constituição subjetiva dos indivíduos e trabalhando mutuamente.

Nessa ótica, este artigo foi elaborado com o objetivo de realizar uma revisão bibliográfica acerca da relação entre família e escola, com o intuito de compreender as interfaces entre essas duas instituições, buscando entender quais são as relações e os benefícios do envolvimento e participação da família no ambiente escolar, bem como promover discussões acerca de suas ligações e repercussões nos processos de aprendizagem dos alunos, voltando-se para as influências dessa relação entre família e a comunidade escolar. Além disso, pretende levantar questionamentos acerca da percepção que os alunos possuem diante dos aspectos estabelecidos entre essas duas instituições.

Para a fundamentação teórica, utilizou-se como base os autores Marinho e Araújo, Ana Mercês Bock, Erik Erikson, Pereira, Macedo e outros estudiosos que abordam a relação família-escola e a infância, e as leis que regem os direitos e deveres das crianças, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A partir da pesquisa bibliográfica e da contribuição de tais autores, foi possível compreender melhor a temática abordada e a sua contribuição para a reflexão necessária relativa a essa realidade, além de contribuir para uma revisão de todo o material já produzido acerca do tema.

## **DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Erik Erikson, em sua Teoria Psicossocial, aborda sobre a vivência do ser humano em seu desenvolvimento durante a vida, alegando que o processo de formação da personalidade progride durante todo o ciclo vital. O homem, então, caminha em estágios, e a passagem por esses estágios engloba a experiência de uma crise, que geram oportunidades de desenvolver um aprendizado ou, por outro lado, a fixação naquela fase da vida, ocasionando, assim, uma repercussão na experiência de outras fases (PEREIRA, 2005). A construção de uma personalidade, segundo o autor, não é concebida como algo estável, mas como um contínuo processo. Dessa forma, para Erikson (1968), esse é um processo que tem início na relação entre a mãe e o bebê, e que se desenvolve durante a vida.



Portanto, a sua teoria define que o indivíduo passa por oito estágios durante sua existência, e que a maneira que é vivida cada fase é perpassada pelas questões sociais, principalmente em seu seio familiar e em instituições sociais. A escola é identificada como um espaço importante na passagem dessas fases durante o ciclo vital, sobretudo na infância, em que muitos aspectos da vivência subjetiva estão sendo vivenciadas. Na Fase IV, que corresponde à Idade Escolar (ensino fundamental), denominada de “Produtividade versus Inferioridade” considera-se que, “(...) nesse período, o mundo da criança é mais amplo que o lar. Outras instituições sociais, além da família, passam a desempenhar um papel importante na crise de desenvolvimento do indivíduo. “(PEREIRA, 2005, p.74-75).

A criança ingressa na vida escolar, e essa nova realidade interfere no seu crescimento e nas transições desses estágios, colaborando com a elaboração dessas fases vividas, acrescentando as experiências que foram vivenciadas na família. O processo de aprendizagem, as relações sociais estabelecidas, o vínculo criado com amigos e professores e todo o contexto que engloba essa realidade interferem no desenvolvimento. Diante dessa perspectiva, é possível identificar que a família possui uma grande responsabilidade no que tange à educação de crianças e adolescentes, sobretudo carrega funções e atribuições perante a sociedade, sendo reconhecida atualmente com uma importante função social, repleta de construções históricas.

Com isso, mais uma vez, é possível perceber que a família possui uma ampla contribuição no processo constitutivo do sujeito, na formação de sua personalidade, sendo considerada um espaço de cuidado e proteção, além de ser um espaço de transmissões culturais, e de formação de limites. Portanto

“(…) é na família que se concretiza, em primeira instância, o exercício dos direitos da criança e do adolescente: o direito aos cuidados indispensáveis para seu crescimento e desenvolvimento físico, psíquico e social. E, também, o aprendizado de suas primeiras obrigações.” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018, p. 243).

De acordo com a o art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990), a criança e o adolescente possuem direito de “serem educadas e criadas no seio de uma família”, bem como ter participação efetiva e direito à educação, cujo objetivo é frequentar a escola e serem contempladas em seu “pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, segundo o art.53. Desse



modo, esses dois espaços são considerados fundamentais e complementares para o desenvolvimento e formação de pessoas nessa faixa etária.

## **A FAMÍLIA E A ESCOLA**

Sabe-se, então, que a família possui um importante papel de desenvolvimento na vida de um indivíduo, tendo em vista que ela é considerada a “primeira agência educacional do ser humano” (MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 100), sendo composta por uma complexa e dinâmica rede de interações que envolvem aspectos cognitivos, sociais, afetivos e culturais. Sendo assim, família não pode ser definida apenas pelos laços de consanguinidade, mas sim por um conjunto de variáveis incluindo o significado das interações e relações entre as pessoas (PETZOLD, 1996).

O próprio conceito de família e a configuração dela têm evoluído para retratar as relações que se estabelecem na sociedade atual. Não existe uma configuração familiar ideal, porque são inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas (STRATTON, 2003). Os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades enfrentadas (WAGNER; HALPERN; BORNHOLDT, 1999), e a forma como essas famílias vão se organizando hoje, geram mudanças em suas relações internas, no desempenho dos papéis, nos seus valores, no desenvolvimento, na sua conjuntura.

Segundo Gomes (2005), as instituições de ensino foram tornando-se modelos principais e predominantes de educação desde o século XIX, quando as escolas foram ocupando um lugar de reprodução de conteúdos e de preparação para o ambiente de trabalho. Entretanto, na escola também há a construção de relações afetivas, o que oportuniza a construção de habilidades sociais nas crianças e adolescentes (BORSA, PETRUCCI, KOLLER, 2015). Assim, segundo Borsa, Petrucci e Koller (2015) a escola se compromete em fornecer condições que contribuam para o desenvolvimento de seus alunos, no entanto, se faz necessário a presença da família, apoiando e que as duas instituições compartilhem responsabilidades diante das crianças e adolescentes.

A escola constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, isto é, um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (MAHONEY, 2002). É nesse espaço físico,



psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (REGO, 2003). O sistema escolar, além de envolver uma gama de pessoas, com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Trata-se de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000).

Ainda que escola e família apresentem finalidades distintas, é possível traçar um ponto de similaridade, pelo fato de partilharem algumas responsabilidades, como o fato de ambas estarem atuando no compromisso de ensinar crianças e adolescentes a serem agentes de construção social, exercendo papel de formadores, preparando-os para viverem em sociedade, nas condições culturais, econômicas e comunitárias (MARINHO- ARAÚJO, 2010, apud REALI & TANCREDI, 2005, p.240). As discussões e pesquisas nessa temática apontam que uma boa relação família-escola interfere significativamente nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais da comunidade escolar (REALI & TANCREDI, 2005).

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este artigo consiste em realizar uma discussão acerca da relação da família com a contribuição no processo educacional de crianças e adolescente, e pretende abordar a relação entre essas duas instituições que possuem papéis importantes no desenvolvimento do sujeito. Com isso, foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Minayo (2001), corresponde a uma busca de conteúdos que tratem de um problema na bibliografia que retratam situações da vida cotidiana.

Portanto, essa pesquisa bibliográfica teve o objetivo de colher dados e informações pertinentes ao desenvolvimento do nosso trabalho, sabendo que podemos realizá-la por meio de diversas plataformas, como livros, revistas, periódicos, dentre outros. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266) “(...) a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”.

O relatório foi escrito no período de julho á Agosto de 2020. As pesquisas foram feitas nas seguintes plataformas: Scielo, Portal Capes e Google Acadêmico, usando como palavras principais “família” e “escola”. Foram selecionados cerca de quinze artigos, entre os anos de 1968 a 2018 e tendo como delimitação apenas artigos escritos na língua Portuguesa,



pesquisando os construtos “família”, “relação” e “escola”. O critério de exclusão utilizado foi: livros, teses, monografias, artigos e dissertações, além de procurar publicações na língua portuguesa e inglesa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cientes da importância dessas duas instituições para o desenvolvimento dos sujeitos, tanto a Escola como a Família possuem um papel imprescindível no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes. A família é considerada a primeira instituição na qual o sujeito está inserido, tornando-se responsável pelo modo como ele se relaciona com os outros, ampliando as possibilidades de convivência social, “um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola” (POLONIA; DESSEN, 2005, p.304). Já a escola assume a função do saber sistematizado, do conhecimento elaborado e da cultura erudita. Entretanto, segundo Bock, Furtado e Teixeira (2018) a escola também é um espaço que contribui para uma aprendizagem social, auxiliando na formação e construções de sujeitos que convivem em sociedade, exercendo uma função de estabelecer relações entre conhecer conteúdos técnicos e desenvolver atitudes e comportamentos sociais.

Entretanto, a autora Marinho-Araújo (2010) levanta a discussão de que, embora família e escola exerçam importantes papéis na educação de crianças e adolescentes, ainda encontramos uma relação permeada por conflitos, além de poucos investimento de estudos que investiguem essa temática, o que contribui para uma reduzida abertura a reflexões acerca das práticas adotadas pela escola e das realidades que permeiam esse relacionamento entre as duas instituições. Uma das maiores dificuldades hoje é promover esse diálogo entre escola e família, visto que há uma culpabilização que impede que cada um assuma seu papel de forma a responsabilizar-se pelo indivíduo. Em suas pesquisas, Soares (2010, p.9) retrata alguns desafios dessa relação, argumentando que

“A família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos (as) alunos (as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola, percebendo esta como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.” (SOARES, 2010, p.9).



Diante dessa realidade, trata-se de um vínculo fragilizado, que possui falhas e apresenta limites, mas quem é responsável de promover essa aliança? Acredita-se que a partir do momento em que os pais assumem seu papel participativo na educação de seus filhos, essa aliança vai sendo desenvolvida, bem como quando a escola começa a integrar esses pais ou responsáveis no ambiente acadêmico. Faz-se necessário viabilizar essa troca sem grandes pesos, mas como um trabalho em conjunto onde os educandos são os maiores beneficiados. A partir dessas colocações, vê-se que a relação família- escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada, além de estar marcada pela existência de uma forte atenção da escola dirigida à instrumentalização dos pais para a ação educacional, por se acreditar que a participação é a condição necessária para o sucesso escolar. (OLIVEIRA, 2002).

Segundo Marinho-Araújo (2010), de acordo com os estudantes, essa relação entre pais e escola não é algo muito bem definido e nem é positivo para eles; grande parte se queixa pelo fato que seus pais só são procurados pelo Colégio quando tem algo de errado, seja uma nota abaixo da média ou uma infração de comportamento, mas não há esse interesse para elogiar o aluno por suas notas ou por seu comportamento positivo. Dessa forma, a visita dos pais à escola torna-se um sinalizador de que algo não anda bem.

É válido questionar o porquê desse contato ser feito apenas quando algo não anda bem. E por que apenas sinalizando algo negativo? Poderíamos pensar em uma convocação por parte da escola para enaltecer esse aluno, suas potencialidades, qualidades e desenvolvimentos positivos, isso geraria mais segurança, um maior envolvimento e desenvolvimento por parte desse indivíduo. Poucas são as vezes onde damos voz ao aluno, onde o ajudamos, mas também o permitimos ser parte essencial do seu processo de aprendizagem. Faz-se necessário permitir que essa criança/adolescente seja parte ativa no seu processo, pautando-se mais na cooperação, despertando no aluno o processo criativo e imaginativo.

Polonia & Dessen (2005) observam que “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos.” Dessa forma, quando os pais estão mais integrados e mais participativos no processo de ensino aprendizagem de seus filhos, é gerada na criança uma confiança, devido o interesse manifestado para que ela se desenvolva, uma



vez que vão sendo reconhecidas durante esse processo suas potencialidades e suas dificuldades. (MACEDO, 1994).

Contudo, é de extrema importância que nas escolas o planejamento e execução de uma grade curricular deve ser bem instruída para os familiares serem capazes de fornecer o apoio e acompanhamento necessário durante todo o percurso escolar do aluno na instituição (POLONIA; DESSEN, 2005, p.303). No entanto, segundo Marinho-Araújo (2010), a escola não deve fornecer apenas uma orientação aos pais ao que diz respeito às questões conteudistas, mas, sobretudo, adotar ações que busquem a construção de uma relação agradável, na qual os profissionais da comunidade escolar devem incentivar o engajamento da família no contexto educacional. Esse ajuste entre família e escola facilita também na comunicação e auxilia na experiência educacional dos alunos, tendo em vista que é na família que se fortificam as crenças e valores.

Os alunos chegam no ambiente escolar com convicções e crenças sobre a vida, trazendo experiências vivenciadas em seus lares, o que impacta e influencia diretamente nas suas vivências e nas relações com colegas e profissionais da escola. Dessa forma, conhecer a família e sua estrutura familiar auxilia as instituições de ensino no conhecimento do aluno e nas condutas necessárias quando se trata da subjetividade de cada indivíduo, tendo em vista que os familiares presentes contribuem nas intervenções adotadas mediante os alunos no contexto escolar.

É de grande valia o conhecimento por parte da escola desse ambiente em que o aluno está inserido, que é sua família. Esse conhecimento, mesmo que de forma mínima, possibilita à instituição escolar perceber esse aluno, que muitas vezes é um “problema” de outras formas, vê-lo de maneira sistêmica e pensar em estratégias para lidar com a sua realidade. Por vezes, o aluno se comporta de um modo “não adequado”, sinalizando algo que não está bem e que vai além do ambiente escolar. Buscar compreender suas dificuldades e potencialidades, bem como suas relações familiares pode ser eficaz para seu processo de aprendizagem. No entanto, as instituições educacionais apresentam uma tendência de culpabilizar o “fracasso escolar” de seus alunos, pautada em argumentos de que são provenientes de uma desestruturação familiar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi apresentado, é possível perceber a importância da Família no processo de aprendizagem de seus filhos e o quanto essa instituição é responsável por auxiliar,





facilitar, promover a aprendizagem de crianças e adolescentes, bem como por facilitar ainda mais esse processo a partir do momento em que é estabelecido o vínculo entre ela e a escola.

É relevante salientar que essa relação ainda está permeada por grandes brechas, tanto por parte dos pais, como por parte das instituições de ensino, a qual cabe construir uma nova mentalidade de responsabilização e não culpabilização, tornando esse espaço o mais confortável possível para que haja diálogo, trocas e aprendizagem significativa aos alunos. É apontado que o envolvimento dos pais no dia a dia das crianças e adolescentes tem ocasionado uma direta interferência na construção dos aspectos subjetivos, cognitivos e relacionais desse sujeito.

Faz-se necessário, então, uma desconstrução da “visita” desses pais à escola, que acaba sendo visto por seus filhos como algo negativo e punitivo, uma vez que a escola não envolve os pais em outros projetos cuja participação deles seria de grande valia, mas apenas em reuniões em que se expõe algo que está fora da curva, seja comportamento, dificuldades de aprendizagem ou notas abaixo da média. De acordo com Sulzer-Azaroff, Mayer, Rosenfield e McLoughlin (1989), para estabelecer uma relação efetiva entre pais e escola, é necessário que os professores aceitem a responsabilidade de se comunicarem de forma clara, simples e compreensível com os pais.

Desse modo, a escola tem um importante papel de repensar suas práticas de engajamento com os familiares de seus alunos, buscando novas práticas em orientá-los nas questões de ensino com seus filhos, atuando com práticas de psicoeducação, auxiliando esses pais, incluindo nas Propostas Políticas Pedagógicas (PPP) ações voltadas diretamente para os familiares, entre outras medidas que facilitam uma relação harmoniosa. A prática de envolver esses pais e não os culpar por fracassos escolares pode ser eficaz para uma relação que alcance cada vez mais seus objetivos de educação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** 15ª ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018. P.448.

BORSA, J. C.; PETRUCCI, G. W.; KOLLER, S. H. **A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar.** Psicol. Esc. Educ. Maringá, v. 19, n. 1, p. 41-48. abr. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572015000100041&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000100041&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 23 jul. 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 16 jul. 1990. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266) >. Acesso em: 23 Jul. 2020.

ERIKSON, E.H. **Identity: Youth and Crisis.** Nova York: Norton, 1968.

MACEDO, R.M. **A família diante das dificuldades escolares dos filhos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MAHONEY, A. A. **Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais.** In V.S. Placco (Org.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ., 2002.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estud. psicol. Campinas. v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2010. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 23 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, L. C. F. **Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores.** São Paulo: Cabral Editora, 2002.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica.** *Caderno do CEDES*, 20, p. 62-77. 2000.

PEREIRA, A. C. **Adolescência em desenvolvimento.** São Paulo: HARBRA, 2005.

PETZOLD, M. (1996). **The psychological definition of "the family".** In M. Cusinato (Org.), *Research on family: Resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milão: LED-Edizioni Universitarie.

POLONIA, A.C; DESSEN, M.A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), pp. 303-312. 2005.



REALI, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. (2005). **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva.** Paidéia, 15(31), 239-247.

Doi:10.1590/S0103-863X2005000200011

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SOARES, A. F. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem.** Alvorada, 2010.

STRATTON, P. (2003). Contemporary families as contexts for development. In J. Valsiner & K. Connolly (Orgs.), *Handbook of developmental psychology* (pp. 333-357). London: Sage

SULZER-AZARROFF, B., MAYER, G. R., ROSENFELD, S. A. & MCLOUGHLIN, C. S. (1989). **Consultant, teacher beliefs, and school systems.** *Contemporary Psychology*, 34, 134-136.

WAGNER, A., HALPERN, S.C., & BORNHOLDT, E.A. (1999). **Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas.** *PSICO*, 30, 63-74.